Informações sobre os Tabom e o *Durbar* por eles organizado

Visita do Presidente Lula ao Gana

Marco Aurelio Schaumloeffel
Leitor Brasileiro no Ghana Institute of Languages/University of Ghana desde 2003, enviado pelo MRE.

O *Durbar*

Antigamente o *durbar* era a recepção oficial organizada para príncipes e para o vice-rei da Índia. No Gana, esse ato protocolar, trazido pelos ingleses, foi adapatado às tradições das tribos locais. O *durbar* é organizado para a recepção ou a despedida de personalidades e simboliza o afeto, a admiração e o respeito que um determinado clã dispensa à pessoa ou ao grupo de pessoas homenageadas. O rei (ou chefe) de um clã faz-se acompanhado de todo seu séquito, incluindo sub-chefes, chefes de família, lingüistas (mensageiros), rainha-mãe, princesas, capitães, percussionistas, dançarinas etc. As togas tradicionais, os colares e as pulseiras de miçangas, usados na ocasião, indicam a posição hierárquica de cada um. Alguns rituais são partes fundamentais de um durbar: os cumprimentos (primeiro por parte dos visitantes, depois por parte dos anfitriões); a cerimônia de libação para invocar a presença e homenagear os deuses e os antepassados; a distribuição de bebidas para os visitantes, que muitas vezes vêm a pé e chegam sedentos; os interlúdios de percussão e dança para aguçar os presentes ao próximo passo do *durbar*; os votos de boas-vindas do chefe do clã e a conseqüente resposta dos visitantes, anunciando o propósito de sua presença naquele local; a troca de presentes como forma de atar laços entre duas instituições amigas. O *durbar* ora oferecido ao Senhor Presidente da República segue basicamente todos esses passos. *Durbars* sem uma programação fixa podem durar várias horas, estendendo-se noite adentro, com interlúdios longos para danças e conversas entre anfitriões e hóspedes.

Os Tabom

Causa estranheza chegar no Gana e ouvir falar de um povo chamado „Tabom“. **Os Tabom formam uma comunidade brasileiro-ganense, de retornados, que voluntariamente voltaram à África de seus antepassados**, depois de terem comprado sua liberdade no Brasil*. Como na sua chegada ao Gana somente sabiam falar português, usavam os cumprimentos conhecidos **“Como está?”** e a resposta informal **“Tá bom”**, além de usarem o termo como uma concordância “**Tá bom!**”, daí a origem do nome dado a eles pelo povo Ga, que os recebeu amigavelmente. Sabe-se de várias comunidades de descentes de brasileiros em solo africano, grande parte delas no Benin, na Nigéria e no Togo, formando clãs com nomes como **Souza, Silva** ou **Cardoso**. Estudos estimam que no Século XIX aproximadamente 10.000 afro-brasileiros libertos voltaram à África. Em vários países da África Ocidental é possível encontrar bairros, escolas e museus com o nome "Brasil". Em Lagos (Nigéria) há um "Brazil Quarter" e um clube com o nome "Brazilian Social Club"; no Benin há uma escola pública chamada "École Brésil". Alguns afro-brasileiros são (ou foram) muito conhecidos em seus países. Um deles foi **Sylvanus Epiphanio Olympio**, eleito primeiro presidente do Togo em 1960. O primeiro Chachá do Benin, o chefe e controlador do comércio e da relações com os estrangeiros, foi o afro-brasileiro **Francisco Félix de Souza**,

que ficou muito rico através de seu envolvimento no tráfico de escravos. Ele teve 53 esposas, 80 filhos e 12.000 escravos. Quando faleceu, deixou de herança a seus descendentes uma fortuna estimada em US$ 120 milhões. A linha real dos Chachás existe até hoje no Togo. O primeiro Embaixador do Brasil em Gana, **Raymundo Souza Dantas**, cita em seu livro "África difícil", ter recebido uma carta de um togolês chamado Benedito de Souza, que alegava ser seu primo.

No Gana, o único grupo significativo de retornados de que se tem notícia é o dos Tabom. Segundo relatos, a viagem do Brasil para o Golfo da Guiné foi feita em um navio chamado S. S. Salisbury, oferecido pelo Governo inglês. Em Acra **chegaram em 1836**, vindos da Nigéria, como visitantes. Foram tão bem recebidos pelo Mantse (chefe) Nii Ankrah, da área de Otublohum (na capital Acra), que resolveram ficar. O líder do grupo na época da chegada dos Tabom ao Gana chamava-se **Nii Azumah Nelson**. A família Nelson tem grande importância entre os Tabom. O filho mais velho de Azumah Nelson e seu sucessor, Nii Alasha, foi grande amigo do ilustre Rei Ga, Nii Tackie Tawiah. Juntos, eles ajudaram no desenvolvimento comercial e na melhoria das condições sanitárias do país. O atual Mantse, **Nii Azumah V**, é descente dos Nelson, como, aliás todos os outros chefes da história dos Tabom. Os Nelson são conhecidos por também terem a *First Scissors House*, a primeira alfaiataria do país, fundada em 1854, que, entre outras atividades, tinha a tarefa de fazer uniformes para o exército ganense. Prova dessas habilidades dos Tabom é o Sr. Dan Morton, atualmente o *chairman* dos Tabom e um dos alfaiates mais famosos do país.

Do povo Ga, eles receberam terras com localizações privilegiadas, em bairros hoje muito conhecidos da capital, como é o caso de Asylum Down, da área próxima à estação central de trens e da região em torno da Accra Breweries; nesses locais grandes árvores de manga são, ainda hoje, testemunhas da presença dos Tabom. No bairro de North Ridge, há uma "Tabon Street", que lembra as plantações que eles tinham no lugar. Muitos Tabom vivem, desde a chegado ao Gana, no atual bairro de James Town, que fica de frente para o mar e próximo ao antigo porto de Acra. Lá há uma rua chamada **Brazil Lane**, onde está localizada a primeira casa que abrigou os Tabom, a **Brazil House**. Os Tabom iniciaram o cultivo de manga, mandioca, feijão e outros vegetais, além de trazerem do Brasil várias habilidades como técnicas de irrigação, carpintaria, arquitetura, trabalhos com metais, especialmente os preciosos, alfaiataria, entre outros, melhorando, dessa forma, a qualidade de vida de toda a população ganense. Além disso, os Tabom contribuíram no campo da religião, uma parte deles no estabelecimento do maometanismo, outra na preservação de cultos religiosos como o shangô. Hoje eles estão completamente integrados a Acra, são aceitos como parte integrante da divisão de Otoblohum, embora ainda sejam chamados pelo povo Ga de "**the Brazilians**", bem como, entre os ganenses, ao se apresentarem, eles se autodenominem "Brazilian-Ghanaians", como forma de destacar sua individualidade nessa sociedade.

* Até o presente momento ainda não está claro se eles realmente compraram sua liberdade e decidiram voltar à África, ou se já eram trabalhadores libertos que foram deportados depois da revolta dos Malês em 1835. Um grande número de afro-brasileiros foi deportado para a África, especialmente os de origem islâmica, que organizaram a revolta. Como os Tabom coincidentemente chegaram a James Town (Velha Acra) em 1836 e a maioria deles era de islâmicos, a hipótese da deportação não pode ser descartada. Somente estudos aprofundados poderiam provar uma ou outra tese.